

A conquista da medalha de prata pelas memórias da capitã olímpica de 2004: entrevista com Juliana Cabral

The silver medal conquest according to the 2004 olympic captain: interview with Juliana Cabral

Mariana da Silva Brum

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, Brasil
Mestrado em Educação Física, UFP
elmarianabrum@ymail.com

Silvana Vilodre Goellner

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil
Doutorado em Educação, UNICAMP

RESUMO: Entrevista com Juliana Ribeiro Cabral, capitã da seleção de futebol que conquistou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004. A entrevista foi direcionada para esse acontecimento e envolve temas como as convocações da equipe, a atuação da comissão técnica, a campanha brasileira na competição, o jogo final, a conquista da medalha, o sentimento de subir no pódio e o retorno para o Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Jogos Olímpicos; Futebol e memória; Medalha olímpica.

ABSTRACT: Interview with Juliana Ribeiro Cabral, captain of the football team that won the silver medal at the Athens Olympic Games in 2004. The interview is focused on this achievement and addresses topics such as the team call-ups, the performance of the technical committee, the Brazilian campaign in the competition, the final game, the medal award, the feeling of standing on the podium, and the return to Brazil.

KEYWORDS: Olympic Games; Football and memory; Olympic medal.

O dia 26 de agosto de 2004 é muito significativo para o esporte nacional. Pela primeira vez na história do futebol brasileiro, as mulheres conquistaram uma medalha olímpica, o que representa um marco na modalidade. Às vésperas dos Jogos Olímpicos de Paris, há que celebrar o ineditismo da nossa seleção que há 20 anos subiu ao pódio em Atenas para receber a honrosa medalha de prata. Ao rememorarmos esse feito reconhecemos tanto a sua relevância quanto a história de quem o protagonizou. É com esse objetivo que no dia 10 de fevereiro de 2024 realizamos uma entrevista com Juliana Ribeiro Cabral, a capitã da equipe que levou o nome do Brasil ao topo do futebol mundial. Apesar de registrarmos aqui a visão de apenas uma jogadora, queremos ressaltar que essa conquista foi coletiva e os méritos pertencem a todas as atletas que estiveram na Grécia e lá exibiram seu futebol.¹

¹ A seleção olímpica de 2004 foi integrada por Maravilha (Marlisa Wahlbrink), Grazielle Pinheiro Nascimento, Mônica Angélica de Paula, Tânia Maranhão, (Tânia Maria Pereira Ribeiro), Juliana Ribeiro Cabral, Renata Aparecida da Costa, Formiga (Miraildes Maciel Mota), Daniela Alves Lima, Pretinha (Delma Gonçalves), Marta Vieira da Silva, Rosana dos Santos Augusto, Cristiane Rozeira de Souza Silva, Aline Pellegrino, Elaine Estrela Moura,

Juliana Ribeiro Cabral nasceu em 3 de outubro de 1981, na cidade de São Paulo. Desde sua infância, desenvolveu interesse pelo futebol, influenciada pelos momentos em que jogava com seu irmão. Seu pai, um entusiasta da modalidade, sempre apoiou seu desejo de se tornar uma jogadora profissional, apesar da resistência inicial de sua mãe, que inicialmente não apoiava esta prática. No entanto, foi ela quem a levou a fazer seu primeiro teste para uma equipe de meninas, a Flash Book, que era composta por modelos. Iniciada sua trajetória como futebolista, logo mudou-se para Indaiatuba para integrar o Saad Esporte Clube, onde permaneceu dos 13 aos 17 anos. Juliana também defendeu as cores do São Paulo, Vasco da Gama, Corinthians e São Bernardo antes de atuar no exterior. Em 2004 jogou no Kopparbergs Göteborg FC (Suécia) e em 2005 no Bay State Select (Estados Unidos). Retornou ao Brasil em 2006 para defender novamente o Saad e em 2008, transferiu-se para o Corinthians, o último clube de defendeu como atleta profissional.

Maycon (Andréia dos Santos), Kelly Cristina Pereira da Silva, Roseli de Belo), Andréia Suntaque e Dayane de Fátima Rocha.

Aos 15 anos, Juliana recebeu sua primeira convocação para a seleção brasileira. Em 1999, participou da Copa do Mundo nos Estados Unidos, conquistando a terceira colocação. No ano seguinte, em 2000, fez sua estreia olímpica nos Jogos de Sydney, terminando os jogos em quarto lugar. Em 2003, voltou a ser convocada para representar o Brasil na Copa do Mundo, sediada novamente nos Estados Unidos, desta vez com a equipe sendo eliminada da competição nas quartas de final. Pela seleção ainda conquistou o título de bicampeã sul-americana em 1998 e 2003. No mesmo ano de 2003, garantiu a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos, disputando a final contra o Canadá, em Santo Domingo, República Dominicana. Em 2004, assumiu a braçadeira de capitã e conquistou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas, após uma final emocionante contra a seleção dos Estados Unidos.

Mariana Brum e Silvana Goellner: Gostaríamos que você comentasse sobre sua convocação para os Jogos

Olímpicos de Atenas e como você se tornou a capitã da equipe.

Juliana Cabral: A convocação para disputar os Jogos Olímpicos de Atenas foi uma coisa diferente porque assumiu o René Simões, um cara que não era do futebol feminino, que vinha do masculino, que ninguém conhecia, então, a gente não sabia como seria esta primeira convocação. E a gente foi muito surpreendida porque quando a chegamos no aeroporto no Rio de Janeiro para ir para a Granja Comary, cada jogadora ganhou uma rosa. E aquilo já foi extremamente impactante porque nunca na vida nós fomos tratadas daquela maneira e a gente já começou a se questionar: quem é esse cara que deu uma rosa para a gente no primeiro dia de contato? Essa é uma lembrança que ficou em mim: a rosa.

Essa foi uma seleção construída aos poucos e, até o René ganhar a nossa confiança e até a gente ganhar a confiança do René, foi uma trajetória longa. Em relação a me tornar a capitã da equipe foi assim: quando o René assumiu, ele quebrou vários padrões que a gente tinha

dentro da seleção; padrão de treinamento, das duplas que estavam acostumadas a ficar no mesmo quarto nas convocações, dos momentos que o grupo todo se reunia para fazer as refeições, etc. Ele nunca teve uma única capitã fixa.



Crachá de identificação.
Acervo pessoal da jogadora.

Desde a primeira convocação ele testou várias jogadoras na função e até que um dia, um pouco antes de viajarmos para Atenas, ele me chamou e disse que queria ter uma conversa comigo: “Eu quero que você escreva em um papel o que você acha que é a função de uma capitã, traga isso para a gente conversar.” Nós não estávamos no Granja Comary, estávamos em período de treinamento em outro lugar que não lembro agora. E aí, quando a gente sentou para conversar e discutir aquilo que eu havia escrito no papel, ele me colocou como capitã.

Como foi a campanha até chegar à conquista da medalha? O que você recorda desse período em termos de preparação e de orientação técnica?

Bom, vários fatores foram importantes para a conquista da medalha. Acho que a primeira delas foi o entendimento do grupo, porque até então a gente convivia junto, mas se pouco conhecia. O René mudou várias coisas e esse grupo foi se construindo ao longo dos treinamentos, onde todo mundo passou a conhecer todo mundo. Por exemplo: a gente não tinha mais uma pessoa fixa para

ficar no quarto, nas refeições tinha um rodízio e todos os dias você sentava com uma pessoa diferente ao seu lado, à sua frente, então, isso fazia com que a gente se conhecesse cada vez mais e criasse vínculos realmente de respeito ao que cada uma era. A questão dos treinamentos também se modificou: a gente tinha uma questão de ficar discutindo os erros a todo momento, até durante o jogo ou de, muitas vezes, sofrer uma falta e ficar esticada no chão até a morte, coisas assim. E o René aos poucos foi mudando essas questões com os treinamentos, de não ter atendimento para quem caísse, de discutir as questões que aconteciam depois do jogo, a gente passou a ter estudos de tática para um melhor entendimento do jogo e das funções que nós tínhamos, etc. Lembro que a gente traçou um paralelo com a Adriana Behar e com a Shelda,² que eu acho que foi muito legal como grupo porque elas já eram campeãs olímpicas e elas serviram de modelo para a gente, inclusive, nos deram uma palestra.

² A dupla Adriana Behar e Shelda Bedê conquistou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Sydney (2000) e nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004).

Com relação aos jogos, o que você destacaria?

Ao longo da nossa campanha, eu acho que o jogo contra os Estados Unidos na primeira fase³ foi o nosso ápice de entendimento do que estava acontecendo durante a partida, o que a gente deixou de fazer de leitura naquele momento e o quanto a gente se fortaleceu. Aliás, as americanas também foram um grande exemplo a ser seguido, tanto que nos intervalos dos jogos, a gente voltava correndo para o vestiário, já para entrar nessa questão também emocional de estar bem, de que recado você passa para o adversário.

A nossa preparação foi toda feita com amistosos contra os homens porque a gente não teve tanto incentivo da CBF para jogar fora e jogar contra as grandes seleções. Então acho que esses pontos foram cruciais, a gente perdeu para os Estados Unidos na fase de grupos e acho que aquele jogo também ensinou muito para a nossa sequência nos Jogos Olímpicos.

³ O jogo aconteceu dia 14 ago. com o placar de EUA 2 x 0 Brasil.

Destaco também o primeiro jogo que foi contra a Austrália,⁴ que muito difícil, muito complicado para uma estreia em Jogos Olímpicos. Eu já citei o jogo contra os Estados Unidos na chave de grupos que a gente perdeu por 2 a 0, onde a técnica⁵ fez uma mudança que a gente demorou para perceber e acabou sofrendo os gols. Mas saímos daquele jogo com a sensação de que a gente podia mais e que estávamos no caminho certo. Daí teve o jogo contra a seleção da casa, a Grécia.⁶ Eu lembro do estádio que era a coisa mais linda, era um estádio novo que ficava perto de montanhas com um cenário era muito bonito. Esse era um jogo muito importante, porque como havíamos perdido para os Estados Unidos e vencido a Austrália só por 1 a 0, a gente precisava vencer com um bom saldo de gols, pensando nos outros confrontos. Ou seja, a gente precisava da vitória para garantir a vaga na próxima fase e é isso que ficou gravado na minha lembrança: a importância do jogo e a seriedade que a gente teve. Depois enfrentamos o México nas quartas de

⁴ O jogo aconteceu dia 11 ago. com o placar de Brasil 1 x 0 Austrália.

⁵ April Heinrichs.

⁶ O jogo aconteceu dia 17 ago. com o placar de Grécia 0 x 7 Brasil.

final,⁷ e a gente ganhou com tranquilidade. Contra a Suécia⁸ foi um jogo bem interessante porque eu e a Daniela Alves estávamos jogando na em um time sueco e tivemos nossos contratos rescindidos porque a escolhemos disputar os Jogos Olímpicos. Esse foi um jogo muito especial, muito difícil e muito duro. Foi a semifinal e ganhamos com um gol, se eu não me engano, feito pela Pretinha.⁹ Eu lembro que quando acabou aquele jogo, cara, a gente comemorou tanto, tanto, tanto... A gente comemorava e o Maurício, que era um membro da comissão técnica do René, um cara de muita confiança dele, começou a chegar nas meninas e repreender tipo, não é para comemorar, agora não é hora, nós não ganhamos nada não! E lembro que falei para o René: cara, é a primeira vez que a gente vai disputar uma final olímpica, a gente precisa comemorar, a gente já conquistou muita coisa, a gente precisa colocar isso para fora! Eu me lembro de o René entrar no

⁷ Quartas de final: jogo aconteceu dia 20 ago. com o placar de México 0 x 5 Brasil.

⁸ Semifinal: o jogo aconteceu dia 23 ago. com o placar de Suécia 0 x 1 Brasil.

⁹ Pretinha (Delma Gonçalves) marcou o gol aos 64 min. da partida.

ônibus e a gente estar fazendo uma festa, as meninas levaram batuque... A gente sempre cantava na ida e na volta dos jogos, enfim, eu sei que eu lembro do René entrar no ônibus, falar algumas palavras e dizer: “olha, vocês vão comemorar tudo o que você podem comemorar hoje até a meia-noite. Da meia-noite para o dia seguinte acabou, é foco total na final, não tem mais vitória na semifinal contra a Suécia!” Então isso me marcou muito, porque foi uma explosão muito grande, mas a comissão já estava preocupada com a ida para o jogo final. Para mim a final foi um momento muito especial, como eu também já citei, a gente encontrou a Adriana Behar e a Shelda que foram duas mulheres que nos inspiraram ao longo dos nossos seis meses de treinamento focado para os Jogos Olímpicos. A gente tinha uma tabelinha de questões de como elas fizeram e como a gente podia fazer e nunca vou esquecer o momento de ter encontrado elas no refeitório da Vila Olímpica antes de ir para aquela final. Elas já haviam conversado com a gente na Granja Comary antes da viagem para os Jogos Olímpicos e eu lembro que elas pararam a gente no refeitório, reuniram

todo o grupo e falaram: “olha, aproveitem ao máximo o que vocês puderem, acima de tudo se divirtam com responsabilidade. São poucas as vezes que a gente consegue chegar neste momento de disputa de uma final olímpica, então, acima de tudo aproveitem, se divirtam, façam o que vocês amam com muita responsabilidade”. Aquilo foi sensacional porque a gente vivia uma tensão de disputar a primeira final olímpica, enfim, era uma ansiedade gigantesca. Então foi muito gostoso ter encontrado com elas. Lembro também que um dia antes do jogo a gente não conseguiu fazer o reconhecimento do gramado porque eles haviam aplicado, acho que veneno, e com isso a gente não pôde pisar no gramado. Foi uma confusão, um mal-estar que gerou um desconforto no grupo e o René era muito preocupado com essas questões, fazia de tudo para que todas pudessem estar bem, ter um ambiente tranquilo e de muita confiança e coragem para a disputa da final.

E a final contra os Estados Unidos foi um jogo,¹⁰ nós jogamos muito, acho que estávamos muito preparadas para aquilo, para suportar a prorrogação. Acho que nós chegamos no nosso auge físico ali naquela partida. Acho que, como grupo, também estávamos muito fortes e fortalecidas, infelizmente acabou não acontecendo a vitória. Claro que é muito difícil a gente aceitar a conquista da medalha de prata porque é uma frustração gigantesca. Lembro que quando fomos para o vestiário, o René fez questão de salientar a importância do que tinha sido aquela conquista, do quanto que nós éramos vencedoras, do quanto a gente tinha vencido. Independente da cor da medalha, a gente tinha atingido o que nós queríamos, que era disputar uma final olímpica e trazer uma medalha para casa.

O que você lembra do jogo final, contra a seleção americana?

¹⁰ Final: o jogo aconteceu dia 26 ago. com o placar de Estados Unidos 2 x 1 Brasil.

A final foi muito especial. Acho que até chegar o momento do jogo, a gente estava muito tensa. A gente tinha acompanhado muito de perto as americanas porque elas serviram, como eu já disse anteriormente, de exemplo durante a nossa preparação. Mas até chegar o momento do jogo, nossa, foi uma ansiedade gigantesca. Eu lembro que na noite anterior eu quase nem consegui dormir tentando mentalizar o jogo, as coisas que eu tinha que fazer. A ida para o estádio foi também daquele jeito, aquela energia que as meninas sempre colocaram com o batuque, com a cantoria, enfim, foi assim até chegar no vestiário.

O René, acho que sempre foi muito feliz nas palavras, no entendimento do que era necessário fazer para conduzir a gente a isso. Lembro que ele escreveu um texto sobre o sonho da menina de ser jogadora de futebol, então, acho que a palestra que antecedeu o jogo foi muito especial em relação a isso. Acho que a gente estava muito tranquila em relação às nossas qualidades, à nossa preparação, gente se sentia muito pronta para o momento,

para a disputa e o jogo foi muito tranquilo, teoricamente, em relação a essas coisas, ao entendimento do jogo, às funções e à estratégia. Aos poucos a gente foi se sentindo muito confortável de estar ali onde estávamos, porque a gente jogava contra uma seleção que era extremamente experiente neste tipo de disputa. Acho que a tivemos condições de vencer, mas enfim, em uma bola que a gente treinou tanto, a gente acabou sofrendo o gol.



Cerimônia de Premiação. Acervo pessoal da jogadora.

Eu acho que o mais importante de tudo é que a gente saiu daquele jogo com a sensação de que deu tudo em campo, que entregou tudo que o tinha para entregar, não ficou faltando nada, nada. Esta, pelo menos para mim, foi uma sensação muito boa... Ao vivenciar o hino nacional no pódio, passa um filme na cabeça, você lembra tudo que fez para chegar até ali, para realizar o sonho que era disputar uma final olímpica e conquistar uma medalha. Enfim, foi um momento bem especial.

O pódio foi extremamente emocionante, acho que a hora que acaba o jogo a frustração é tão grande que a gente, como eu já disse antes também, não se dá conta do que havia feito, da conquista da medalha porque é isso: a sensação de que a gente poderia ter sido o ouro, de que poderia ter ficado em primeiro lugar. Eu acho que a ida para o vestiário, a conversa com a comissão e mais uma vez, o René sendo muito feliz nas palavras, aos poucos foi nos confortando e a ficha foi caindo e fomos percebendo a importância do que a gente havia conseguido. Então, acho que o pódio foi um momento muito especial, por-

que é isso: durante seis meses a gente batalhou muito para estar ali e o grande objetivo do início do trabalho era subir no pódio e, independentemente da cor da medalha, a gente conseguiu ganhar.

Também foi muito emocionante depois da partida, jogar o René para o alto e reverenciar toda a importância que ele teve nesse trajeto da seleção ao longo da preparação. Eu acho que a entrega dele assim como de toda a comissão em relação a todos os jogos, do cuidado que eles tinham com a gente em todos os sentidos não foi algo aleatório. Ele não chegou ali querendo ser maior e superior a todo mundo. Não! Acho que ele nos conquistou pela simplicidade, pela humildade e mais do que isso, acho que por vestir a camisa com a gente. Vale lembrar que ele brigou com a CBF para que a gente usasse a academia na Granja Comary e o campo principal, para que a gente permanecesse na Granja quando tinha a convocação sub-20, que normalmente tínhamos que ir para um hotel em Teresópolis. Então, acho que naquele momento em que jogamos ele para cima no campo, foi algo muito

especial e de agradecimento por tudo que rolou. Para finalizar: para mim foi um dia mais muito importante, porque logo depois da final a Bandeirantes me entrevistou e me colocou para falar ao vivo com o meu pai. Então, assim que eu conquistei a medalha de prata, eu falei ao vivo com ele, ainda dentro do campo e isso foi algo que marcou muito. Aquele foi um dia muito especial na minha vida!



Juliana Cabral, 2004. Acervo pessoal da jogadora.

E o pós-jogo, como foi?

Acho que depois do jogo, rola aquele papo de como foi a partida, do que a gente poderia ter feito. A gente falava muito do pênalti que não havia sido marcado em um lance com a Daniela Alves e que tínhamos clareza de que havia sido pênalti a nosso favor. Lembro da conversa com as americanas no final do jogo, elas nos dizendo que certamente nós conquistaríamos uma medalha de ouro porque que o nosso time era muito bom. Acho que isso também nos confortou um pouco, diminuiu a frustração e ajudou a olhar para o grande feito que era a conquista da medalha.

Como foi o retorno ao Brasil?

O retorno foi interessante porque a gente teve que ficar uma semana a mais na Vila Olímpica por causa das passagens. A CBF acreditava que a gente voltaria antes, que não chegaríamos onde chegamos e isso não aconteceu. Daí eles tiveram dificuldade para fazer a remarcação das passagens e com isso ficamos uma semana a mais na Vila Olímpica. Foi muito bom porque a gente conseguiu assis-

tir um jogo de basquete e o René fez questão de fazer alguns passeios pela parte histórica da Grécia. Além disso a gente conseguiu participar da cerimônia de encerramento, que até então a seleção nunca havia participado, e foi muito bacana. Enfim por conta da desorganização da CBF, a gente pode vivenciar os Jogos Olímpicos de outra maneira. O nosso retorno também foi especial porque encontramos a família, teve o reconhecimento da mídia que até então não acreditava na gente e falava muito mal do futebol, da modalidade, enfim, com a conquista da medalha, todo mundo teve que dar espaço pelo que havíamos feito. Lembro da Aline Pellegrino, por exemplo, me convidar para ir no bairro dela desfilando no carro de bombeiros. Depois a gente foi numa escola para contar sobre nossa participação nos Jogos, enfim, foi muito importante esse momento de se sentir reconhecida e respeitada. Mas, infelizmente, esse reconhecimento durou pouco tempo.

Para finalizar nossa entrevista você poderia falar um pouco sobre as funções específicas que você exerceu como capitã?

Eu lembro que nós elaboramos dez mandamentos, um tipo de cartilha que era nosso guia. Além disso tinha as questões básicas que a gente normalmente sabe que cabe à capitã como o sorteio com o árbitro e se dirigir a ele ao longo do jogo. Tinha também o olhar atento dentro do campo, de tentar ser a voz do René em termos de organização, em perceber cada situação para tentar uma correção rápida. Fora do campo eu procurava a todo momento estar atenta a alguma coisa que pudesse estar acontecendo com o grupo, se tinha alguém incomodada, chateada ou acontecendo algo que pudesse prejudicar o ambiente do grupo. Também era importante entender que a capitã não era a dona do time, que existiam outras líderes dentro da equipe, mas que ela era a pessoa que ficava como referência. Acho que essas funções eram as mais importantes, eu era muito atenta com as questões que aconteciam fora de campo para poder levar para a co-

missão, com os combinados que eram feitos. Enfim, a gente fez uma cartilha de coisas que tínhamos que cumprir para que a gente não perdesse o nosso foco porque a Vila Olímpica, com tudo o que oferece, promove a desatenção. E todas as jogadoras cumpriram o que havia sido combinado.

* * *

Recebido em: 27 fev. 2024.
Aprovado em: 09 abr. 2024.